

IPOs passarão por teste de fogo após recorde neste ano

Depois do resultado extraordinário de 2007, emissões de ações enfrentam clima mais restritivo

Daniela Milanese

A pujança da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) em aberturas de capital vai passar por um severo teste no próximo ano. Depois de um desempenho bastante acima do esperado em 2007, com a obtenção de recordes, a crise das hipotecas nos Estados Unidos põe um ponto de interrogação no que diz respeito ao apetite dos estrangeiros para a compra de ações.

Como as dúvidas sobre a extensão dos problemas devem permanecer por alguns meses, a tendência é que empresários e investidores ponham o pé no freio, ao menos no curto prazo.

De um lado, as companhias pensarão duas vezes antes de partir para uma oferta pública inicial (IPO, da sigla em inglês). Do outro, os aplicadores estarão muito mais seletivos. No boom de 2007, algumas empresas pouco preparadas e sem projetos sólidos acabaram conseguindo ir a mercado.

“Depois de alguns excessos, haverá um processo de amadurecimento, o que é bom”, afirma o vice-presidente executivo do Itaú BBA, Jean-Marc Etlin. “O próximo ano será mais construtivo e as operações sairão de forma mais equilibrada.”

Para a sócia-diretora da consultoria Global RI, Doris Pom-



PAULO LIEBERT/AE

SELEÇÃO - 2007 teve até exagero de IPOs, diz Doris, da Global RI

FRASE

Jean-Marc Etlin
Vice-presidente-executivo do Itaú BBA

“O próximo ano será mais construtivo e as operações sairão de forma mais equilibrada”

peu Brasil, a onda de IPOs atingiu o pico em 2007 e agora os aplicadores discriminarão muito mais as companhias, na busca por fundamentos, resulta-

dos e boa estrutura. Ela acredita que houve muito exagero ao longo de 2007, provocado pelos próprios bancos que montam as operações.

Essas instituições estão oferecendo, por exemplo, empréstimos para que as companhias se reestruturem e depois paguem a dívida com a venda das ações - prática que já está na mira da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Além disso, acabam propondo IPOs a empresas que ainda não possuem estrutura para abrir o capital. “Os bancos abusaram do merca-

2007, UM ANO DE RECORDES

• Número de novas companhias na Bovespa e total captado

2007 - 62 - R\$ 63,109 bilhões* 2005 - 9 - R\$ 5,447 bilhões
2006 - 26 - R\$ 15,374 bilhões 2004 - 7 - R\$ 4,487 bilhões

Os dados consideram apenas operações de abertura de capital, excluindo emissões de empresas já listadas na Bovespa

*Emissões até o fim de novembro

• Fila de espera na CVM

Empresas que, até novembro, pediram autorização para abrir o capital:

Empresa	Sector
Claritas Investimentos	Participações
Centennial Asset Participações Logística	Logística
Campos Verdes	Sucroalcooleiro
Moura Dubeux Engenharia	Construção civil
Banco Fibra	Financeiro
Banco Industrial do Brasil	Financeiro
Vix Logística	Logística
Marítima Seguros	Seguros
Raia SA comércio	Drogaria
MB Engenharia	Construção civil
Laboratório Americano de Farmacoterapia	Farmacêutico e higiene
LDC Bioenergia	Sucroalcooleiro
IMCOPA-Importação, Export e Ind. de Óleos	Alimentos
Petroquímica Comodoro Rivadavia	Petróleo e gás
Norse Energy do Brasil	Petróleo e gás
T4F Entretenimento	Brinquedos e lazer
Infinity Bio-energy Brasil	Sucroalcooleiro
Alupar Investimento	Energia
Lindencorp Desenvolvimento Imobiliário	Construção civil
TIVIT Terceirização de Tecnologia e Serviços	Comunicação e informática
Meolo Participações	Participações
Biocapital Participações	Petroquímica e combustíveis
LLX Logística	Logística
Direcional Engenharia	Construção civil
MPX Mineração e Energia SA	Energia
UAB Motors	Automotivo
Tempo Participações	Seguro-saúde
PST Eletrônica	Máquinas
Moena Participações	Participações
Unidas	Locação de automóveis
Mineração Caraiba	Extração mineral
Capri Participações	Participações
Nutriplant	Sucroalcooleiro

FONTE: BOVESPA

do, estão agressivos e forçando as companhias”, diz Doris.

Como resultado, algumas novas acumulam perdas expressivas. Somente em novembro, até o dia 28, Banco Cruzeiro do Sul desabou 31,3%, seguido por Triunfo (-28,9%), Bematech (-28,1%), Minerva (-27,6%) e Laep (-24,6%), tombos muito maiores do que a queda de 5,5% do Ibovespa no período.

Para Etlin, do Itaú BBA, em 2008 o mercado segregará as empresas que registram o desempenho prometido daquelas que não o fazem. “O investidor

dá um cheque na largada, mas depois a companhia tem de entregar resultados”, afirma.

O co-diretor de Investment Banking do UBS Pactual, Rodolfo Riechert, acredita na qualidade das empresas listadas. “Não vou dizer que 100% estavam preparadas”, afirma. “Mas não vi até agora nenhum ativo ruim (chegando à Bovespa)”, diz. Para o executivo do UBS Pactual, um dos líderes nas operações de IPOs, houve lançamentos de companhias menores, cujos resultados demoram mais para se consolidar. Riechert está bas-

tante otimista para o próximo ano, diante da possibilidade de obtenção do grau de investimento pelo País. “Teremos um novo recorde em número de empresas fazendo IPOs”, acredita. “Há ótimos empresários no Brasil e antes o acesso ao capital era ruim”, afirma.

O executivo Rodolfo Zabisky, sócio da MZ Consult, acredita que o elevado número de companhias lançando ações se repetirá em 2008, algo entre 60 e 70 empresas. No entanto, as operações tendem a ser menores, pois as companhias de maior porte já estão no pregão. Resta saber se haverá demanda, pois diante de incertezas impera a procura por empresas maiores, com liquidez mais elevada. “A um determinado preço, tudo tem demanda. É uma relação entre risco e recompensa”, avalia Zabisky. Ou seja, para comprar esses ativos, os aplicadores exigirão descontos.

Em 2007, até novembro, 62 empresas levantaram R\$ 63,109 bilhões nos IPOs. O volume é quatro vezes maior que o de 2006, quando 26 companhias conseguiram R\$ 15,374 bilhões. Investidores estrangeiros compraram, em média, 70% dos papéis. As grandes estrelas foram a Bovespa Holding, que obteve R\$ 6,6 bilhões no maior IPO da história do País, a BM&F (R\$ 5,983 bilhões) e a Redecard (R\$ 4,643 bilhões). Para 2008, a maior expectativa recai sobre a abertura de capital da Visanet. São citadas também as companhias do empresário Eike Batista de logística (LLX) e de petróleo (OGX). Marítima Seguros, Droga Raia e Unidas estão na fila e têm nome conhecido, o que normalmente atrai a pessoa física.

Depois da saturação de empresas de construção civil na Bolsa, os especialistas avaliam os setores agrícola, automotivo, de óleo e gás, de infra-estrutura e de material de construção como outros candidatos a se financiar no mercado de capitais, mas sem consenso sobre sua real atratividade. ●